

SER IDOSO AOS OLHOS DOS MAIS NOVOS: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CRIANÇAS SOBRE A PESSOA IDOSA.

Ana Isabel Ferreira Dias

Instituto Superior Bissaya Barreto, Coimbra (ISBB)

Isabel Cerca Miguel

Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Vocacional e Social – Universidade de Coimbra
(IPCDVS – FPCEUC)

Centro de Investigação em Inovação Social e Organizacional – Instituto Superior Bissaya Barreto,
Coimbra (CIS – ISBB)

Resumo

O atual protagonismo populacional dos indivíduos “idosos” originou uma realidade de consequências ainda desconhecidas, na qual as relações entre gerações revestem uma importância renovada. Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo primordial analisar as representações sociais de crianças de 8 e 9 anos de idade relativamente às pessoas idosas. Para o efeito, solicitou-se a 25 crianças a elaboração de um desenho – representando uma pessoa idosa e uma pessoa não idosa – e o preenchimento de um questionário de resposta dicotómica, contendo estereótipos acerca dos idosos. Os resultados sugerem que são essencialmente os aspetos físicos decorrentes do processo de envelhecimento que permitem às crianças objetivar o conceito de idoso. Por outro lado, os dados revelam uma imagem multidimensional da pessoa idosa, na qual se conjugam perdas financeiras, psicológicas e funcionais, a par de alguns ganhos, essencialmente morais e afetivos.

Introdução

O processo de envelhecimento caracteriza-se por ser contínuo, irreversível e universal, implicando a ocorrência de várias alterações no organismo que se repercutem em dimensões diversas do desenvolvimento humano. Não obstante a sua universalidade, existem todavia várias formas de envelhecer, associadas tanto à variabilidade das características dos indivíduos, como ao contexto sociocultural. Neste sentido, envelhecer relaciona-se não só com as alterações biológicas e psicológicas, mas também com os padrões sociais dominantes e a forma como as sociedades perspetivam o envelhecimento. Não constituindo um tema recente de reflexão, o conceito de envelhecimento tem vindo, pois, a sofrer alterações ao longo dos tempos, evoluindo de acordo com as atitudes, crenças, cultura, conhecimentos e relações sociais de cada época, assim reflectindo diferentes conteúdos e significados sociais a ele associados (Cerqueira, 2010; Jesuíno, 2012).

No contexto da sociedade actual, pautado por profundas transformações estruturais (Nazareth, 2009), o fenómeno do envelhecimento reveste uma pertinência renovada, constituindo um dos maiores desafios da humanidade, cujas repercussões se estendem a diversos domínios, nomeadamente ao nível da saúde, social e político. O prolongamento da vida humana representa, sem dúvida, um ganho coletivo. Todavia, este pode também ser percecionado como uma ameaça, tanto para os que envelhecem, como para a sociedade em geral, especialmente considerando as representações sociais acerca da velhice e das pessoas idosas que nelas circulam. Deste modo, assume especial pertinência o aprofundamento do conhecimento relativo ao objeto social “velhice”, especialmente atendendo às mutações a que se tem assistido na configuração etária da

população e que consubstanciam uma particular e reavivada importância ao nível das relações entre diferentes gerações.

Embora, numa acepção particular, se considere que as representações sociais resultam da apropriação do conhecimento científico por parte do senso comum (Moscovici & Hewstone, 1984), em sentido mais lato as representações sociais são o resultado de um conjunto de influências, nas quais se conjugam a memória coletiva, aspetos culturais e ideológicos, as experiências dos indivíduos num contexto específico e as interações comunicativas do quotidiano, produzindo sentido e tornando a realidade apreendida e comunicável (Howarth, 2006; Jovchelovitch, 2007; Moscovici, 1976, 2001). Assim consideradas, as representações sociais podem, pois, ser definidas como “uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 1989, p. 354). Como formas de construção do mundo, as representações sociais, têm, assim, como propósito fundamental atribuir sentido à realidade social, significando-a através de um sistema de interpretação que permita uma compreensão do mundo envolvente, estabelecendo um elo entre os atores sociais e o seu mundo social. Percebe-se, então, que é característico das representações sociais o facto de elas serem, simultaneamente, “o produto das relações entre os indivíduos e o processo que dá às representações sociais a sua omnipresença na vida quotidiana, enquanto elementos constituintes do mundo social” (Miguel, 2010, p. 42). Os seus *conteúdos* são apreendidos a partir dos discursos coletivos e individuais, das opiniões e práticas, circulando na sociedade através de diversos canais de comunicação. Enquanto *processo*, as representações sociais pressupõem um mecanismo psicossociológico de pensamento que, por um lado, rege a génese, organização e transformação de um conteúdo e, por outro, torna possível a sua funcionalidade social.

Neste processo, as representações sociais não são independentes das posições sociais e papéis que os indivíduos ocupam no espaço social (Doise, 2011; Miguel, Valentim & Carugati, 2010, 2012). Como referem Gastón, Monchietti e Oddone (2012), “as significações que compõem a representação social de um objeto são moldadas em função da sua condição de serem produzidas em determinados grupos” (p. 122), interligando o conteúdo da representação e o ator que o constrói. Considerando as representações sociais como uma construção de modelos de leitura do real, a sua génese assenta em três níveis distintos (Duveen & Lloyd, 1990). A *sociogénese* refere-se ao processo de construção, transformação e reconstrução das representações por determinados grupos acerca de um determinado objeto. Ao dar conta da difusão do conhecimento científico da psicanálise no senso comum e a reconstrução específica por diferentes grupos sociais, o estudo de Moscovici (1976) constitui um a ilustração do processo genético das representações sociais. Ao considerar uma dimensão histórica, o processo de sociogénese aponta, ainda, para uma perspetiva diacrónica das representações sociais. A *ontogénese* refere-se ao desenvolvimento dos indivíduos relativamente às representações sociais pré-existentes. Efetivamente, as crianças nascem e desenvolvem-se num mundo estruturado e profundamente marcado pelas representações sociais da comunidade ou cultura onde se inserem, sendo no contexto deste “ambiente pensante” (Moscovici, 1981) que os atores sociais reconstróem as suas representações e definem as suas identidades, tomando parte da vida da comunidade ou grupo. Por último, torna-se importante distinguir a *microgénese* enquanto processo genético inerente à interação individual, constituindo-se deste modo como o substrato para a negociação das representações e das identidades. É, pois, “no decurso da interação e da comunicação interindividual que determinadas representações são evocadas e as identidades negociadas, podendo os indivíduos vir a adotar pontos de vista diferentes daqueles com que iniciaram a interação” (Miguel, 2010, p. 41). Deste

modo, a microgênese representa o motor das mutações genéticas das representações sociais.

Tomando a velhice como um objeto social de particular relevância, a investigação tem vindo a produzir um conjunto de estudos que procuram explorar os conteúdos e estruturas de conhecimento social a ela associados. Neste sentido, por exemplo, Hummel e Lavive d' Epinay (1995) salientam que a forma como se vive e entende a velhice, bem como as atitudes por elas suscitadas, são organizadas pelo significado de modelos culturais, imagens, estereótipos e outro tipo de representações. Existem mitos, estereótipos e preconceitos associados à velhice que, tendencialmente, a evocam como algo negativo e desprestigiante. As imagens associadas à velhice e a sua (não) concordância com a realidade, apontam essencialmente para a coexistência de dois tipos de imagens de idosos no espaço social: por um lado, uma imagem de idosos que tentam manter o controlo sobre os seus corpos e relativa juventude, apostando em estilos de vida saudáveis e que promovem o envelhecimento ativo, no qual podem realizar os seus sonhos e dar continuidade e sentido ao seu projeto de vida; por outro, imagens associadas a idosos pobres, doentes, solitários, assexuados ou impotentes, que sofrem de acentuado declínio mental e de depressões.

Debert (1999) considera que essa coexistência de imagens pode ser atribuída ao que designou de duplo movimento de transformação da velhice em preocupação social: se, por um lado, a última etapa do ciclo vital é relacionada com a decadência física e perda de papéis sociais, sendo objeto de preocupação e intervenção por parte do Estado e de instituições privadas, por outro, ocorre simultaneamente o processo de reprivatização da velhice, no qual a responsabilidade sobre o pessoa idosa que se é no presente e no futuro depende exclusivamente dos indivíduos, podendo, sob este ponto de vista, a velhice ser gratificante. Com efeito, o fato de atualmente termos assistido à criação de “novas” etapas do envelhecimento, tais como a meia-idade, reforma ativa e a quarta idade (Baltes & Smith, 2003), propicia uma maior variedade de imagens sobre a velhice, nas quais esta é percebida de modo menos depreciativo. Como referem Lopes e Park (2007), “tais termos são incorporados ao vocabulário dos grupos sociais e carregam uma gama de significados que influenciam a (re)construção das representações sociais acerca da velhice” (p. 142).

Compreendendo a forma como a velhice e envelhecimento são representados possibilita a compreensão dos comportamentos e sentimentos tidos para com este grupo social, não só da parte da sociedade, mas também dos próprios idosos. Segundo Lopes e Park (2007) “estão em pauta crenças, explicações e definições a respeito de tais objetos sociais, isto é, o conhecimento que os grupos sociais elaboram e utilizam para compreender e lidar com estes, portanto, suas representações sociais” (p. 142). Assim, a representação social da velhice “é construída na cristalização de imagens físicas e sociais transpostas por um conhecimento imbuído dos valores do sistema produtivo da sociedade moderna. A dominância do campo por esses valores faz funcionar as regras constitutivas de espaço de jogo que fazem emergir estereótipos sobre a velhice, baseados no grupo de idade (Vaz, 2008, p. 105).

Objetivos

Relativamente a estudos sobre representações sociais em relação à última fase do ciclo vital, existem na literatura atual variados estudos com amostras de adolescentes (Hummel, 2000; Silva, 2011), adultos-jovens e adultos de meia-idade (Silva, 2011; Vaz, 2008) e idosos (Araújo, Coutinho & Carvalho, 2005; Silva, 2011; Vaz, 2008; Veloz, Nascimento-Schulze & Camargo, 1999). Contudo, relativamente a representações

sociais da velhice junto de crianças, e não obstante a sua pertinência, a investigação revela-se escassa (Lopes & Park, 2007), traduzindo-se num campo de estudo ainda pouco explorado. Neste sentido, e tomando em linha de conta que as representações sociais são presença constante na vida dos indivíduos logo desde a primeira infância, tornando-se perceptíveis na forma como estes concebem o mundo e se posicionam perante ele, o presente estudo tem como fundamental objetivo investigar as representações sociais de um grupo de crianças do ensino básico acerca das pessoas idosas, procurando caracterizar a forma como as crianças encaram e retratam os idosos atualmente.

Metodologia

Amostra

De forma a responder aos objetivos da investigação, optou-se por incluir na amostra alunos que frequentam o terceiro ano do ensino básico de duas instituições de ensino do concelho da Figueira da Foz, com idades compreendidas entre os 8-9 anos. Participaram neste estudo 25 crianças, residentes neste concelho, tendo as mesmas referido a existência de pessoas idosas na família, entre os quais os avós (que foram apontados por todas as crianças), bisavós e tios. Estes familiares idosos residem em casa própria, sozinhos ou com o cônjuge (88%), com familiares (24%), ou num Lar (16%). Em relação ao tempo passado com os idosos, 60% referem que apenas costumam estar algumas vezes com os idosos da sua família, 36% refere que costuma estar muitas vezes com os seus familiares idosos, e apenas 4% refere que nunca está com os idosos da sua família. Fora do universo familiar, e considerando o universo geral, 64% da amostra refere conhecer muitas pessoas idosas para além das pertencentes à sua família próxima, 20% refere conhecer algumas pessoas idosas, e 16% refere conhecer bastantes idosos para além dos seus familiares.

Instrumentos

Tendo em consideração a idade da amostra, foi privilegiada uma abordagem metodológica baseada no recurso complementar de dois instrumentos de recolha de dados: desenho livre e um questionário de estereótipos positivos e negativos enunciados por Palmore (1999).

Para uma criança, o desenho é linguagem através do qual a criança transforma o inconsciente em consciente, o silêncio em linguagem, o impercetível em perceptível, revelando-se, deste modo, bastante útil para a recolha de dados, na medida em que permite revelar indícios da forma como esta percebe a realidade que a envolve e, concretamente para os objetivos do presente estudo, a forma como objetiva a imagem da pessoa idosa.

Diversos estudos revelam que os estereótipos negativos associados aos idosos começam a ser interiorizados muito cedo, – por volta dos seis anos (cf. Marques, 2011). De salientar, nesta aquisição precoce de crenças fortemente enraizadas, a influência dos vários agentes de socialização – entre os quais se destacam os pais, a escola e os meios de comunicação – na construção de imagens relativamente consensuais e homogêneas acerca das pessoas idosas. Neste sentido, e tendo por base os estereótipos positivos e negativos enunciados por Palmore (1999), construiu-se um questionário de resposta dicotómica (sim e não) com nove estereótipos negativos – *doentes; namoram¹; feios; mentalmente lentos, doenças mentais; inúteis; isoladas; pobres; deprimidos* – e 8

¹ Palmore (1999) refere, no seu estudo, o estereótipo negativo “impotência sexual”. Todavia, tendo em conta a idade da amostra presente nesta investigação, optou-se por utilizar o termo “namoram”.

estereótipos positivos – *amáveis; sábios; são de confiança; opulentos; poder político; livres; eterna juventude; felizes.*

Procedimentos

Os critérios seguidos para o processo de recolha de dados foram iguais para ambas as escolas, visando deste modo a coerência dos resultados obtidos. Em primeiro lugar, no decorrer de uma aula normal, foi pedido às crianças para realizarem um desenho numa folha branca A4, sendo os estímulos indutores “*desenha uma pessoa idosa, e uma pessoa não idosa*”. Posteriormente, solicitou-se o preenchimento individual do questionário.

Tendo em consideração os instrumentos de recolha de dados utilizados, relativamente ao desenho livre foi feita uma análise de conteúdo de tipo icónico (Bardin, 2008), que incidiu, essencialmente, na interpretação dos desenhos realizados pelas crianças, possibilitando a codificação e criação de categorias. O questionário foi alvo de uma análise quantitativa assente na contagem frequencial das categorias dicotómicas (sim/não) para cada um dos estereótipos apresentados, procedendo-se, posteriormente, a análises quantitativas com base no teste do qui-quadrado (χ^2).

Resultados

Desenho livre

Através da análise de conteúdo dos desenhos realizados pelas crianças, foi possível criar categorias gerais (género, aparência física, cabelo, expressão facial, roupa, acessórios, calçado e contextualização) e características específicas, através das quais se procurou explorar exaustivamente os pormenores desenhados pelas crianças. As características foram analisadas tanto para o idoso como para o não idoso, sendo que a cada categoria foi atribuída uma unidade de frequência.

Relativamente ao **género** desenhado, 92% da amostra desenhou uma pessoa não idosa de acordo com o seu género. Mais concretamente, a totalidade dos rapazes desenhou um não idoso do género masculino e, nas raparigas, apenas duas não desenharam de acordo com o seu género, tendo as restantes agido em conformidade com a maioria da amostra. Contudo, o mesmo não se verificou em relação às pessoas idosas desenhadas, o que nos leva a poder considerar que existe uma maior proximidade e identificação pessoal com o não idoso representado do que com o idoso desenhado.

No que diz respeito à **aparência física**, as crianças pertencentes à amostra optaram por desenhar a pessoa idosa com rugas (12%), com barba (4%), com bigode (4%) e com costas arqueadas (20%). É de salientar que nenhuma destas características específicas foi representada para o não idoso. Relativamente ao **cabelo**, as pessoas idosas foram representadas maioritariamente com o cabelo claro: com cabelo branco (12%) e com cabelo grisalho (64%). Contudo, 28% da amostra optou por representar o não idoso com o cabelo escuro (a subcategoria escuro, abrange todas as cores exceto o branco e o grisalho). Ainda dentro da categoria cabelo, 36% das crianças desenharam pessoas idosas (apenas do sexo masculino) como sendo calvas, o mesmo não se verificando com as pessoas não idosas, pois 44% foi representada como tendo cabeleira farta, curto nos homens (40%) e comprido nas mulheres (56%). Por último, podemos salientar que 24% das idosas foram desenhadas com o cabelo apanhado em forma de um pucho ou pampo, sendo este um penteado frequentemente utilizado pelas mulheres idosa, e que permite manter o cabelo, por vezes bastante longo, apanhado e penteado.

Em relação à **expressão facial** desenhada, tanto os idosos (76%) como os não idosos (80%) foram maioritariamente desenhados com expressões que aparentam

felicidade. Contudo, duas crianças desenharam a pessoa idosa com uma expressão facial inequívoca de tristeza, o que não se verificou na representação de pessoas não idosas.

A **roupa** desenhada pelas crianças para representar pessoas idosas e não idosas foi maioritariamente colorida. Contudo, 48% dos idosos foram representados com cores escuras, o que normalmente tende a ser atribuído ao luto, e 16% vestindo roupa com padrão xadrez. As peças de vestuário utilizadas para representar as mulheres idosas foram preferencialmente saia e camisa (24%) ou vestidos (12%) e para os homens foi na totalidade calças e camisa. É de referir, ainda, que uma pessoa idosa foi desenhada vestindo um pijama, o que nos remete para a permanência dos idosos no universo doméstico, conforme está representado na Figura 1.

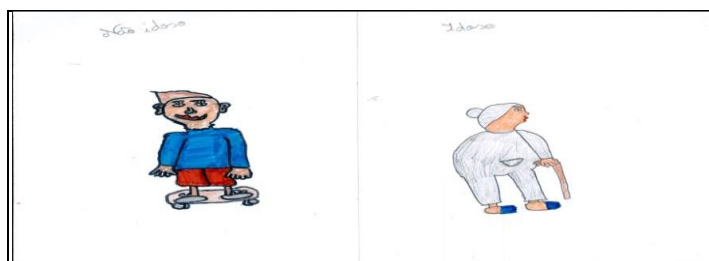


Figura 1- Desenho ilustrativo das diferenças de vestuário entre a pessoa idosa e o não idoso.

As crianças optaram por representar a pessoa não idosa utilizando também maioritariamente roupa colorida (72%) e jovem (44%), sendo as mulheres maioritariamente representadas com vestidos (40%), e os homens representados com calças e camisa (24%), mas também com roupa *casual*/desportiva (24%), alguma de padrões escuros (4%) e com xadrez, tipo *grunge* (4%).

Relativamente aos **acessórios** desenhados, os óculos (56%) e bengala/andarilho (84%) destacam-se relativamente a todos os outros representados, sendo claramente associados a pessoas idosas, uma vez que não apresentam qualquer representatividade nos não idosos. Contudo, foram também desenhados outros acessórios, entre os quais, para os idosos do género masculino foram desenhados chapéu e boina e, para as mulheres, foram desenhados acessórios de cabelo (4%), lenço na cabeça (4%), colar (4%) e brincos (4%). Os homens não idosos foram desenhados tendo como acessórios um boné (4%), *skate* (4%) e um brinco, ao passo que as mulheres foram representadas com acessórios de cabelo (20%), carteira (8%), brincos (12%), pulseiras (4%), colares (8%) e um cigarro. Assim, em termos gerais, a análise dos dados obtidos com esta categoria permite-nos referir que as crianças representaram os idosos com dificuldades de locomoção e visão, decorrentes do processo de envelhecimento físico. Pelo contrário, os não idosos foram representados com acessórios mais irreverentes, estando alguns relacionados com a juventude: *skate*, brinco e boné, chegando mesmo ao pormenor de ter sido desenhado um cigarro. Também as mulheres não idosas, à semelhança das idosas, foram representadas com uma grande variedade de acessórios, demonstrando a preocupação das crianças em atribuir uma imagem cuidada e detalhada nos desenhos realizados.

O **calçado** desenhado é quase, na sua maioria, sapatos comuns para idosos (60%) e não idosos (52%). Contudo, há que destacar o facto de 12% da amostra ter desenhado idosas calçando chinelos, o que novamente nos remete para a permanência das pessoas idosas durante largos períodos de tempo em casa. Por outro lado, para a pessoa não idosa, as crianças optaram por desenharem como complemento do *look casual*/desportivo os ténis (12%), podendo este facto ser indicativo da prática de desporto ou de atividades físicas intensas entre os não idosos, o que não se verifica junto dos idosos desenhados.

Por último, relativamente à **contextualização** dos desenhos, como não foi pedido nenhum estímulo adicional às crianças para além de desenharem uma pessoa idosa e outra não idosa, muitas crianças optaram por não desenharem nenhum contexto junto da pessoa idosa (48%) e da pessoa não idosa (44%). Contudo, a análise dos desenhos em que foi feita a contextualização permite aferir que as crianças desenharam maioritariamente tanto os idosos (28%) como os não idosos (36%) em parques ou espaços verdes, tendo algumas crianças chegado ao pormenor de desenharem um banco junto da pessoa idosa (8%), não se verificando o mesmo para o não idoso. Os desenhos também retratam idosos (8%) e não idosos (4%) em casa, podendo a habitação ser vista como uma local onde as pessoas se encontram protegidas. Outros desenhos retratam a realização de atividades. Contudo, esta categoria difere em relação aos idosos (12%), pois as atividades representadas têm que ver com a religião (ir à igreja) e atravessar a rua numa passeadeira, enquanto que, para o não idoso (12%), as atividades representadas têm que ver com desporto (jogar futebol, subir a uma árvore, andar de *skate*). Apesar de, tanto para os desenhos representativos de uma pessoa idosa, como de uma pessoa não idosa, ter sido desenhado o sol (28% e 32% respetivamente), é de referir que houve um desenho em que foi feito nitidamente um contraste entre a noite – na qual foi desenhado um idoso, com roupa escura e bengala, sem qualquer contextualização envolvente, exceto escuridão e a lua (o que nos remete para a solidão, o abandono e falta de proteção) e com uma expressão bastante explícita de tristeza – e o dia – onde foi desenhado um não idoso, no caso concreto uma criança, feliz, com o sol e um céu azul, no interior de uma habitação, com roupas coloridas e a brincar, o que nos permite instantaneamente ter a perceção da forma como esta criança percebe a velhice e a juventude: a velhice é triste, escura, sombria, acarreta solidão, abandono, tristeza e debilidade física e tristeza; por seu turno, a juventude é alegre, com vida (sol), vivida de forma segura e protegida, conforme demonstra a Figura 2.



Figura 2 - Desenho ilustrativo do ambiente emocional entre a pessoa idosa e o não idoso.

Questionário

A apresentação dos dados recolhidos através do questionário será feita tendo por base a análise dos dados apresentados na Tabela 1, que nos remetem para as respostas dadas pela amostra quando questionada sobre a sua opinião em relação aos estereótipos negativos e positivos com os quais foram confrontados.

Tabela 1 - Estereótipos positivos e negativos

	Estereótipos Negativos				χ^2
	Sim		Não		
	N	%	N	%	
Doentes	21	84%	4	16%	11.56***
Namoram	7	28%	18	72%	4.84*
Feios	9	36%	16	64%	3.24 <i>ns</i>
Mentalmente	23	92%	2	8%	17,64***

Lentos					
Doenças Mentais	22	88%	3	12%	14,44***
Inúteis	5	20%	20	80%	9 **
Isolados	16	64%	9	36%	1,96 <i>ns</i>
Pobres	24	96%	1	4%	21,16***
Deprimidos	18	72%	7	28%	4,84*

Estereótipos Positivos					
	Sim		Não		χ^2
	N	%	N	%	
Amáveis	24	96%	1	4%	21,16***
Sábios	12	48%	13	52%	0,04 <i>ns</i>
São de Confiança	23	92%	2	8%	17,64***
Opulentos	10	40%	15	60%	1,96 <i>ns</i>
Poder Político	16	64%	9	36%	1,96 <i>ns</i>
Livres	10	40%	15	60%	0,04 <i>ns</i>
Eterna Juventude	22	88%	9	36%	14,44***
Felizes	13	52%	12	48%	0,04 <i>ns</i>

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

De acordo com os dados relativos aos estenótipos negativos, podemos referir que: em relação ao fato de os idosos serem considerados **doentes**, 84% da amostra refere que as pessoas idosas são pessoas doentes, enquanto que apenas 16% considera o contrário; **namorarem**, 72% considera que as pessoas idosas não namoram e 28% menciona que as pessoas idosas podem perfeitamente namorar; serem **mentalmente lentos**, 92% da amostra refere que sim, enquanto apenas 8% refere que as pessoas idosas não são mentalmente lentas; sofrerem de **doenças mentais**, 88% considera que sim, e 12% considera que ser-se idoso não é sinonimo de sofrer de doenças mentais; serem **inúteis**, 80% das crianças referem que não consideram as pessoas idosas como inúteis, enquanto que 20% considera que sim; viverem **isolados** da sociedade, 64% refere que concorda e 36% discorda; serem associados à **pobreza**, foi confirmado por 96% da amostra, e refutado por apenas 4%; por último, 72% da amostra considera que os idosos são pessoas que vivem mais **deprimidos** dos que os restantes, enquanto que 28% considera que não.

Deste modo, podemos referir, relativamente aos estereótipos negativos apresentados, uma prevalência estatisticamente significativa para as seguintes características: doentes ($\chi^2 = 11.56$, $p < .001$); mentalmente lentos ($\chi^2 = 17.64$, $p < .001$); sofrem de doenças mentais ($\chi^2 = 14.44$, $p < .001$); pobres, sendo este estereótipo o que reuniu maior consenso ($\chi^2 = 21.16$, $p < .001$); namoram ($\chi^2 = 4.84$, $p < .05$); deprimidos ($\chi^2 = 4.84$, $p < .05$). O estereótipo negativo *inúteis* obteve um resultado significativo em termos de discordância das criança ($\chi^2 = 9$, $p < .05$), dado que contraria o estereótipo negativo identificado por Palmore (1999). Com efeito, as crianças da amostra não consideram que os idosos sejam pessoas inúteis, sendo este um resultado expressivo.

Relativamente aos estereótipos positivos associados aos idosos, podemos referir o seguinte: em relação ao facto de os idosos serem considerados **amáveis**, 96% da amostra concorda, enquanto que 4% discorda; **sábios**, 48% considera que sim, as pessoas idosas são pessoas sábias, e 52% refere que não; de **confiança**, 92% menciona que podemos confiar nas pessoas idosas e 8% consideram que os idosos não são de confiança; **opulentos**, 40% visualiza os idosos como sendo opulentos e 60% discorda;

frequentemente associados ao **poder político** 64% considera que os políticos do nosso país são efetivamente, na sua maioria, pessoas idosas, enquanto que 36% considera que não; **livres**, 40% considera os idosos pessoas livres e 60% refere que as pessoas idosas não são livres; como procurando incessantemente a **eterna juventude**, 88% acredita que as pessoas idosas gostavam de ser para sempre jovens, enquanto que na opinião de 36% da amostra as pessoas idosas gostam de ser como são; por último, e em relação à **felicidade**, 52% considera as pessoas idosas como sendo felizes e, pelo contrário, 48% considera que as pessoas idosas não são felizes.

Deste modo, podemos referir que nem todos os estereótipos positivos foram confirmados pelas crianças, pois para as crianças os estereótipos sábios ($\chi^2= 0.04$, $p>.05$); livres ($\chi^2= 0.04$, $p>.05$); felizes ($\chi^2= 0.04$, $p>.05$); opulentos ($\chi^2= 1.96$, $p>.05$) e poder político ($\chi^2= 1.96$, $p>.05$) não reuniram consenso.

Todavia, alguns estereótipos positivos foram confirmados estatisticamente, nomeadamente os estereótipos amáveis ($\chi^2= 21.16$, $p <.001$), são de confiança ($\chi^2= 17.64$, $p <.001$) e, por último, a eterna juventude ($\chi^2= 14.44$, $p <.001$).

Discussão e conclusão

De acordo com a análise dos desenhos realizados pela amostra, é possível distinguir dois eixos de leitura dos nossos dados: o primeiro que nos permite perceber como é uma pessoa idosa; o segundo que possibilita compreender o que diferencia uma pessoa idosa de uma pessoa não idosa na perspetiva das crianças.

Relativamente ao primeiro – como é uma pessoa idosa –, e tendo por base a forma como as crianças retrataram os mesmos, constatou-se que as crianças puseram em evidência essencialmente os aspetos decorrentes do processo de envelhecimento físico, entre os quais as rugas e a decrepitude, a cor do cabelo – branco ou grisalho (apesar de outras cores também terem sido representadas, o cabelo branco ou grisalho foi representado em maior número pelas crianças) –, pouco cabelo, as dificuldades sentidas na locomoção, sendo para tal essencial a utilização de um apoio – uma bengala/andarilho – e as dificuldades de visão, sido por isso desenhadas com óculos. Estes resultados vão de encontro aos resultados obtidos por Lopes e Park (2007), pois em ambos os estudos ficou explícita a importância conferida pelas crianças às características físicas como forma de reconhecer os idosos.

Os detalhes conferidos aos desenhos indicam, ainda, que a maioria das crianças representa os idosos de forma cuidada, e com detalhes específicos, especialmente na utilização de acessórios que remetem para o cuidado com a aparência e boa apresentação, apresentando um vestuário colorido e em bom estado. Estes resultados vão de encontro aos de Silva (2011), podendo ser associados aos ganhos de aparência, como sendo um recurso adquirido ou conservado aquando a velhice, sendo que, no estudo da autora, as pessoas idosas foram retratadas com palavras que sugerem a utilização de várias estratégias para cuidar da sua aparência, como por exemplo, vaidoso, pucho ou poupo, pinturas ou maquilhagem e beleza. No presente estudo, a única exceção relativamente ao que foi referido anteriormente remete-nos para o desenho que se encontra ilustrado na Figura 2, no qual a idosa foi representada com pijama e chinelos rotos, o que poderá ser indicativo de algum desleixo. Todavia, por outro lado, os resultados do presente estudo também vão de encontro a diversos estudos (Lopes & Park, 2007; Poeschl & Silva, 2001; Silva, 2011) que sugerem a manutenção da visão estereotipada da mulher idosa, na qual a experiência feminina está localizada no lar e na família, no mundo doméstico, do privado, contrariamente à masculina que está no mundo público.

Considerando as atividades desenvolvidas pelos idosos, não foi desenhado nenhum contexto laboral, sendo que a maioria foi representada na rua: junto a uma igreja, em espaços verdes e, em alguns casos, junto a bancos, o que demonstra mais uma vez as limitações físicas da velhice – porque se cansam mais depressa e têm mais dificuldade em andar, convém ter um banco para que possam descansar – e a atravessar a rua na passeadeira, visto ser o local mais seguro para o fazer, dadas as suas limitações físicas.

Apesar de alguns dados indicadores que as representações sociais das crianças sobre idosos estão associadas a perdas e limitações físicas, as crianças representaram em grande número os idosos felizes/contentes, o que, aparentemente, demonstra alguma ambivalência, pautada pelo convívio simultâneo de polaridades positivas e negativas acerca da velhice e do envelhecimento. Neste sentido, os resultados do presente estudo não só se encontram em consonância com resultados de estudos anteriores (Silva, 2011; Sousa & Cerqueira, 2005) que sugerem o facto de que as imagens que os indivíduos têm nas diferentes fases do ciclo vital sobre as pessoas idosas tendem a tornar-se mais tristes com o avançar da idade, como também permitem reforçar uma representação da pessoa idosa como multidimensional e complexa, por vezes inconsistente, comportando uma duplicidade de aspetos avaliados como positivos e negativos e que realçam a dificuldade de perceber a velhice de uma forma homogénea e unívoca (Cerqueira, 2010; Silva, 2011; Vaz, 2008).

Em relação ao segundo eixo de leitura dos dados recolhidos, e que nos permitem compreender o que diferencia uma pessoa idosa de uma pessoa não idosa, podemos referir que o aspeto físico é o aspeto mais relevante e que melhor permite distinguir os idosos dos não idosos. É através do corpo que surgem e permanecem em evidência as marcas decorrentes da passagem do tempo, tornando o envelhecimento explícito, visível e palpável, o que permite que a criança consiga materializar o conceito de idoso, dando-lhe a possibilidade de transformar algo de abstrato (idoso) em concreto (e.g., rugas, cabelos branco, decrepitude), tornando possível a objetivação de velhice. Neste sentido, a pessoa idosa foi representada com rugas, cabelos brancos ou grisalhos, utilizando óculos, bengala/andarilho, representados na sua maioria num parque/espaço verde, ou a realizar atividades (ainda de que forma muito ténue associadas aos mais idosos) como a ir a uma igreja (sendo comum a imagem e o mito de que os idosos são mais católicos e praticantes que as pessoas não idosas) e a atravessar a rua (sendo a passagem feita numa passeadeira, com idosos que apresentam um envelhecimento físico acentuado, estando presente a bengala como forma de suporte e apoio). A pessoa não idosa é representada como sendo ativa, com capacidades físicas plenas que lhe permitem a realização de exercício físico, entre os quais podemos citar o jogar futebol, subir às árvores, andar de *skate*, não apresentado qualquer sinal de debilidade física.

Relativamente ao vestuário, apesar de as crianças representarem tanto idosos como não idosos com roupas coloridas, destacaram-se alguns desenhos que evidenciam cores escuras, sendo que as razões diferem: enquanto que para os idosos é associado ao luto, para o não idoso é associado a um estilo jovem muito específico de vestir. Conforme também já referimos anteriormente, algumas crianças optaram por desenhar idosas do género feminino calçando chinelos, sendo que uma idosa foi desenhada de pijama e chinelos rotos, o mesmo não se tendo verificado em relação aos não idosos, pois estes não se encontram restringidos ao universo doméstico.

Na categoria de acessórios desenhados, como “complementos extra”, podemos referir que as crianças realizaram desenhos com algum pormenor e cuidado, tendo para os idosos optado por desenhar alguns acessórios que facilmente identificamos como sendo para uma pessoa idosa, sendo portanto mais clássicos, entre os quais um lenço a cobrir a cabeça com padrão xadrez, uma boina e um chapéu. Para os não idosos, as crianças optaram por desenhar um brinco em um rapaz, um boné, um *skate*, ou seja,

acessórios mais radicais. É de referir que também foi desenhado um cigarro para um não idoso, o que apesar de não estar de todo cingido ao universo dos mais novos, sugere neste contexto a presença de alguma “rebeldia” comum entre os mais jovens.

De acordo com os dados recolhidos, foi nas categorias descritas anteriormente que foram encontrados os aspetos mais salientes que nos permitem afirmar que são estes indicadores de uma clivagem existente entre a forma como as crianças percecionam as pessoas idosas e não idosas, pois relativamente à expressão facial, apesar de dois idosos terem sido desenhados tristes, a grande maioria das crianças optou por desenhar tanto idosos como não idosos com expressões que indicam felicidade e contentamento.

Relativamente aos resultados obtidos através do questionário, dos estereótipos negativos apresentados, sete obtiveram valores estatisticamente significativos, e que reuniram maior consenso no interior da amostra (doentes, namoram, mentalmente lentos, doenças mentais, isolados, pobres e deprimidos), sendo que apenas dois foram considerados não significativos (feios, inúteis). Estes resultados permitem, assim, constatar a existência de perdas financeiras, psicológicas e funcionais associadas aos idosos. Quanto aos estereótipos positivos, apenas três dos oito apresentados foram considerados estatisticamente significativos (amáveis, são de confiança, eterna juventude), traduzindo a existência de ganhos morais e afetivos, valorização da capacidade de interação, bem como ganhos de aparência. Complementarmente, as imagens que as crianças têm dos idosos enquanto categoria social não cristalizam em torno das características de sábios, opulentos, poder político, livres e felizes.

Os resultados do presente estudo evidenciam como a amostra considerada não retrata as pessoas idosas como sendo sábias, contrariando, assim, os resultados obtidos por Sousa e Cerqueira (2005) e por Gastaldi e Contarello (2006), nos quais o termo *sabedoria* é amplamente citado tanto por jovens como por idosos, propondo uma imagem mais positiva para a última etapa do ciclo vital. A interpretação deste resultado pode, todavia, colocar em destaque uma dimensão ontogenética (Duveen & Lloyd, 1990) do conhecimento social das crianças relativamente à velhice e envelhecimento. Com efeito, considerando o contexto previamente marcado e estruturado pelas representações sociais da comunidade ou cultura onde as crianças estão inseridas, as suas representações poderão ser construídas à luz da ideia social prevalecente que associa o idoso a uma figura decadente, necessitada e, por isso, dependente, com as consequentes implicações nas práticas sociais a ele dirigidas (Almeida & Cunha, 2003; Marques, 2011), traduzindo, pois, uma dimensão ontogenética das representações sociais das crianças acerca da pessoa idosa.

Através dos resultados obtidos, é possível referir que o corpo e a aparência física são o meio através do qual as crianças delimitam o grupo de idade a que os indivíduos pertencem. Neste sentido, destaca-se a importância que as crianças atribuíram às características físicas como forma não só de reconhecer os idosos, como também de os distinguir dos não idosos. Representar a pessoa idosa com base em aspetos físicos associados ao processo de envelhecimento – entre os quais rugas, cabelos brancos e apresentando sinais de decrepitude –, bem como utilizando objetos de apoio – tais como bengalas, andarilhos e óculos –, sugere que é através destes aspetos visíveis e palpáveis que as crianças identificam as pessoas idosas e materializam o conceito de idoso, objetivando-o no processo de construção da representação social. Por outro lado, a interpretação dos resultados permite concluir que a objetivação do idoso se materializa numa imagem multidimensional, à qual, para além das perdas físicas e funcionais, se juntam perdas económicas, de estatuto e psicológicas.

As representações sociais das crianças relativamente à pessoa idosa e aos idosos como grupo social podem, à primeira vista, parecer conjugar elementos contraditórios, traduzindo a multidimensionalidade das suas representações. Contudo, as informações que fornecem indicam que as mesmas apreendem, elaboram e incorporam à sua

representação sobre os idosos as diferentes imagens sociais que lhes são transmitidas. Com efeito, as representações sociais são construídas com base nas informações que circulam nas sociedades, nas relações sociais (Moscovici, 1981, 2001) e no movimento do grupo ao qual pertencem (Miguel, Valentim & Carugati, 2010, 2012). Neste contexto, as diversas informações que circulam pela sociedade são também elas ambivalentes, ora apelando para uma imagem de envelhecimento bem-sucedido – onde os idosos são retratados como independentes, ativos, sem apresentar debilidade física, entre outros aspetos francamente positivos (Baltes & Baltes, 1990; Fernandez-Ballasteros, 2008; Martín, Guedes, Gonçalves, & Cabral-Pinto, 2007; Rowe & Kahn, 1998; WHO, 2002) – ora, por outro lado, representando os idosos como pobres, doentes, débeis e com sinais evidentes de decrepitude, daqui emergindo uma imagem social fatalista associada à dependência, perdas e improdutividade (Palmore, 1999; Simões, 1990). Contudo, a diversidade de informações sobre o processo de envelhecimento e os idosos poderão indicar um momento de transição, no qual poderá prevalecer apenas uma das tantas imagens socialmente divulgadas. Tendo presente que as representações sociais não mudam de forma automática ou por imposição mas, pelo contrário, pressupõem um processo complexo e subtil de descodificação e integração das novas informações advindas de múltiplas fontes, será “necessário promover uma ideia polissémica de velhice, isto é, uma ideia que congregue a heterogeneidade que lhe é própria e não seja distorcida por estereótipos e preconceitos positivo e negativos” (Lopes e Park, 2007, p. 147). Trata-se de um lento dinamismo de mudanças, que poderá estabelecer para todos novas exigências e patamares, estabelecer novas regras, modelos, símbolos e imagens com base em valores e afetos que se fortalecem ou transformam e que indiciam um lento e multiforme processo de ressignificação do envelhecimento.

Considerando o panorama demográfico mundial, no qual o envelhecimento tem vindo a assumir proporções sem precedentes, espera-se, com o presente estudo, ter evidenciado a importância de atender à dimensão sócio-histórica das representações sociais da velhice e da pessoa idosa que, enquanto fenómeno social e culturalmente construído, assume força de realidade social. Com efeito, o carácter social das representações sociais reside no facto de estas estarem imersas nas relações sociais e nas práticas específicas de grupos de uma determinada cultura, desde a sua produção (Abric, 1997). Todavia, a influência das representações sociais não se exerce meramente ao nível da construção de significados, indo mais além e orientando práticas específicas que são dirigidas a um determinado objeto de representação (Howarth, 2006; Jodelet, 1989; Miguel, Valentim & Carugati, in press). Deste modo, atendendo a que as representações sociais adquirem expressão na ação e práticas dos indivíduos, reveste-se de fundamental importância o estudo da velhice enquanto construção social multidimensional, não só junto de crianças mas também de outras faixas etárias. O conhecimento dos significados e imagens socialmente valoradas da velhice constitui, efetivamente, um poderoso instrumento para que decisores políticos e profissionais que trabalhem diretamente com pessoas idosas e seus familiares possam implementar medidas que, por um lado, contribuam para uma inclusão verdadeira dos idosos na sociedade e, por outro, permitam fomentar ou reforçar a solidariedade intergeracional. Com efeito, viver e envelhecer neste século terá como fundamental desafio a necessidade de mudar os pressupostos sobre o que é ser “velho”, reconstruindo significações sociais partilhadas e inovando noções e perspetivas existentes, com vista à construção de uma nova identidade do idoso.

Referências

- Abric, J.-C. (1997). Les représentations sociales: Aspects théoriques. In J.-C. Abric (Ed.), *Pratiques sociales et représentations* (2nd ed., pp. 11-36). Paris, France: Presses Universitaires de France.
- Araújo, L. F., Coutinho, M. P. L., & Carvalho, V. A. M. L. (2005). Representações sociais de velhice entre idosos que participam em grupos de convivência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(1), 118-131.
- Almeida, A. M., & Cunha, G. G. (2003). Representações sociais do desenvolvimento humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 147-155.
- Baltes, P. B., & Baltes, M. M. (1990). *Successful aging: Perspectives from the behavioral sciences*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Baltes, P. B., & Smith, J. (2003). New frontiers in the future of aging: From successful aging of the young old to the dilemmas of the fourth age. *Gerontology*, 49, 123-135.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Cerqueira, M. M. (2010). *Imagens do envelhecimento e velhice. Um estudo na população portuguesa*. Dissertação de Doutoramento: Universidade de Aveiro, Portugal.
- Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: Socialização e reprivatização do envelhecimento*. São Paulo, Brasil: USP.
- Doise, W. (2011). The homecoming of society in social psychology. In J. P. Valentim (Ed.), *Societal approaches in social psychology* (pp. 9-34). Berne, Switzerland: Peter Lang.
- Duveen, G., & Lloyd, B. (1990). Introduction. In G. Duveen & B. Lloyd (Eds). *Social Representations and the development of knowledge* (pp. 1-10). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Fernández-Ballasteros, R. (2008). *Active aging: The contribution of psychology*. Cambridge, MA: Hogrefe & Huber Publishers.
- Gastrón, L., Monchietti, A. & Oddone M. (2012). Representações sociais sobre homens e mulheres na velhice. In L. Tura & A. O. Silva (Eds.), *Envelhecimento e representações sociais* [pp.115-137]. Rio de Janeiro, Brasil: Quartet Editora.
- Gastaldi, A. & Contarello, A. (2006). Una questione di età: Rappresentazioni social dell'invecchiamento in giovani e anziani. *Ricerche di Psicologia*, 20(4), 281-306.
- Howarth, C. (2006). A social representations is not a quiet thing: Exploring the critical potential of social representations theory. *British Journal of Social Psychology*, 45, 65-86.
- Hummel, C. (2001). Représentations de la vieillesse chez des jeunes adultes et des octogénaires. *Gérontologie et Société*, 98, 239-252.
- Hummel, C. & Lalive d' Epinay, C. J. (1995). *Images of aging in western societies*. Geneva, Switzerland: Centre for Interdisciplinary Gerontology.
- Jesuino, J. C. (2012). Imagens da velhice. In L. F. Tura & A. O. Silva (Eds.), *Envelhecimento e representações sociais* (pp. 51-67). Rio de Janeiro, Brasil: Quartet Editora.
- Jovchelovitch, S. (2007). *Knowledge in context: Representations, community and culture*. Hove, East Sussex: Routledge.
- Jodelet, D. (1989). *Folies et représentations Sociales*. Paris, France: PUF.
- Jovchelovitch, S. (2007). *Knowledge in context: Representations, community and culture*. Hove, East

Sussex: Routledge.

Lopes, E. S. L. & Park, M. B. (2007). Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. *Estudos de Psicologia*, 12(2), 141-147.

Marques, S. (2011). *Discriminação da terceira idade*. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores.

Martín, I., Guedes, J., Gonçalves, D., & Cabral-Pinto, F. (2007). O desenvolvimento do paradigma do envelhecimento produtivo: Os novos papéis dos séniores na sociedade. In A. R. Osório & F. Cabral-Pinto (Eds.), *As pessoas idosas: Contexto social e intervenção educativa* (pp. 203-223). Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.

Miguel, I. C. (2010). *A inteligência e o seu desenvolvimento. Representações sociais, valores e estilos parentais. Perspetivas em análise*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Miguel, I., Valentim, J. P., & Carugati, F. (2010). Intelligence and its development: Social representations and social identities. *Papers on Social Representations*, 19, 20.21-20.33.

Miguel, I., Valentim, J. P., & Carugati, F. (2012). The degree of proximity in the construction of social representations: The case of intelligence. *Spanish Journal of Psychology*, 15(3), 1244-1258.

Miguel, I., Valentim, J. P., & Carugati, F. (in press). Social representations of the development of intelligence, parental values and parenting styles: A theoretical model for analysis. *European Journal of Psychology of Education*.

Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse, son image, son publique*. Paris, France: PUF.

Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. P. Forgas (Ed.), *Social cognition: Perspectives on everyday understanding* (pp. 181-209). London, UK: Academic Press.

Moscovici, S. (2001). Why a theory of social representations? In K. Deaux & G. Philogène (Eds.), *Representations of the social: Bridging theoretical traditions* (pp. 8-35). Oxford, UK: Blackwell.

Moscovici, S., & Hewstone, M. (1984). De la science au sense commun. In S. Moscovici (Ed.), *Psychologie sociale* (pp. 539-566). Paris, France: PUF.

Nazareth, J. M. (2009). *Crescer e envelhecer: Constrangimentos e oportunidades do envelhecimento demográfico*. Lisboa, Portugal: Editorial Presença.

Palmore, E. B. (1999). *Ageism: Negative and positive*. New York, NY: Springer.

Poeschl, G. & Silva, A. (2001). Efeito das crenças nas diferentes entre sexos na perceção e no julgamento das práticas familiares. *Psicologia*, 25(1), 93-113

Rowe, J. W., & Khan, R. L. (1998). *Successful aging*. New York, NY: Random House.

Silva, A. (2011). *Representações sociais da velhice*. Unpublished Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto. Universidade Aberta.

Simões, A. (1990). Alguns mitos respeitantes ao idoso. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 24, 109-121.

Sousa, L. & Cerqueira, M. (2005). As imagens da velhice em diferentes grupos etários: um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista Kairós*, 9 (2), 189-206.

Vaz, E. (2008). *A velhice na primeira pessoa*. Lisboa, Portugal. Editorial Novembro.

Veloz, M. C., Nascimento-Schulze, & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(2), 479-501.

WHO. (2002). *Active aging: A policy framework*. Geneva, Switzerland: World Health Organization.

